



O ALUNO/TRABALHADOR: UMA REFLEXÃO SOBRE AS DIFICULDADES PARA SE ALFABETIZAR NO BRASIL

Maria da Solidade Teixeira Fernandes¹

INTRODUÇÃO

Para Costa (2008), a alfabetização, fazendo parte do contexto da Educação de Jovens e Adultos – EJA – tem apresentado um quadro de conflitos, pois os alunos retornam à escola depois de um longo período sem usufruir do seu direito à educação. O motivo que levou esse aluno a deixar a escola é geralmente o mesmo que exige o seu retorno – o trabalho. Esses jovens e adultos trabalhadores fazem parte de uma parcela da população marcada pela exclusão e pela marginalização.

A alfabetização encontra-se na pauta de discussão de importantes fóruns, órgãos e instâncias por todo o país, porém, esse interesse, como se sabe, não é nenhuma novidade. Ao observar a história da educação nacional, encontrar-se-á pista sobre como vem sendo tratado esse tema. No Brasil, o quantitativo de pessoas analfabetas é muito grande, com idade igual ou superior a quinze anos. Portanto, conhecer alguns aspectos sobre esse período da Educação de Jovens e Adultos contribui para a construção de um país, mais cidadão, pois é um instrumento básico para o exercício da cidadania, principalmente, quando se trata do aluno que deixou de estudar para trabalhar e, anos depois retorna para cursar a escola formal e aprender a ler, escrever e interpretar.

A alfabetização compreende o aprendizado do alfabeto e de seu uso como código de comunicação entre as pessoas. De uma forma mais ampla, a alfabetização é entendida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e suas variações. Esse processo não se resume apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas, na capacidade de interpretar, compreender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento crítico e reflexivo sobre o ser/estar no mundo.

Esse é o mesmo pensamento de Paulo Freire. Muitos são os conceitos e metodologias usados na alfabetização. Para o autor, tem um significado mais abrangente, na medida em que, vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita

¹ Professora Formadora do Programa Todos Pela Alfabetização - TOPA/Imborés, Brasil. Endereço eletrônico: msteixeiraf@hotmail.com



uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (FREIRE, 1991, p. 68).

Para Costa (2008), pensar a alfabetização dentro da educação de jovens e adultos implica, sobretudo, voltar o olhar para os sujeitos, e sua realidade, no seio das relações sociais de produção da sociabilidade do capital. A realidade dos jovens e adultos brasileiros está presente em indicadores que apontam um percentual de 12,9 milhões de analfabetos, para pessoas acima de 15 anos e de 23 anos de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios (Pnad) divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e 23,6% para aqueles com mais de 15 anos, identificadas como “analfabetos funcionais”.

O trabalho tem sido prioritário para aqueles que não podem escolher profissionalizar-se via educação formal, mas que necessitam, muito cedo, prover sua sobrevivência. É neste sentido que se busca desvelar quais e como devem ser as condições para resgatar o acesso ao conhecimento produzido social e cientificamente, no sentido de propiciar, no futuro, melhores condições de trabalho e de vida para os jovens trabalhadores.

Para Gadotti e Romão (2000, p. 32), o analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência de uma sociedade injusta, desestruturada que para combatê-la tem que conhecer as condições de vida do analfabeto, pois sem conhecer as causas, se torna difícil acabar, ou reduzir o analfabetismo, mas esse reconhecimento não pode ser apenas teoricamente, o que pode ser facilitado quando o educador faz parte do próprio meio. A Educação de Jovens e Adultos não deve ser considerada só no impacto da qualidade de vida da população atingida e sim nas possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno trabalhador.

Justifica-se este, uma vez que, ao se pensar a alfabetização - dentro do quadro da educação de jovens e adultos - e o mundo do trabalho, deve-se considerar que, na atual conjuntura que se vive, as relações que se constituem na escolarização básica necessária, podem possibilitar, ou não, a inserção, a permanência e também a mobilidade dos educandos(as), com seus percalços, nesse mundo.

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre as dificuldades que o aluno trabalhador encontra no processo e nas práticas pedagógicas e as possíveis contradições e incertezas entre o alfabetizar e o trabalhar. É uma revisão bibliográfica, com base em alguns autores como, Freire (1991), Gadotti e Romão (2000), Costa (2008), dentre outros.

METODOLOGIA



O trabalho desenvolvido seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2008, pág. 50), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”.

Nesta perspectiva, a proposta do referido autor, foram utilizadas as seguintes etapas:

1ª etapa – Fontes: A seguir, estão descritas as fontes que forneceram as respostas adequadas à solução do problema proposto: Foram utilizados livros que abordam a temática em português, disponíveis em bibliotecas como, *A Educação na Cidade* de Paulo Freire; *Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos*, do MEC, entre outros; artigos científicos sobre a temática foram acessados online, na base de dados Scielo, dentre outros; Para a seleção das fontes foram consideradas as bibliografias que abordassem a alfabetização com alguns conceitos, suas práticas discursivas, valores em conflitos, um pouco de sua história e algumas concepções; sobre a educação no mundo do trabalho; o trabalho como princípio educativo e a necessidade do trabalho à vida do ser humano para se observar as dificuldades que o aluno/trabalhador encontra para se alfabetizar. *2ª etapa - Coleta de dados:* A coleta de dados seguiu a seguinte premissa: *Leitura Exploratória* de todo material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se a obra consultada é de interesse para o trabalho); *Leitura Seletiva* (leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam); *3ª etapa – Consulta à literatura:* Registro das informações extraídas das fontes em instrumento e local específicos com base em autores, ano, e estudos realizados, antes. *4ª etapa – Resultados e Discussão:* Nesta etapa foi realizada uma leitura analítica com a finalidade de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitassem a obtenção de respostas ao problema e análise da pesquisa. Descreveu-se as possíveis conjecturas que o alfabetizando faz, desde os primeiros riscos até estar lendo, escrevendo e interpretando textos, em um cenário conturbado político, econômico e socialmente difícil, revelando assim, as incertezas com as quais o aluno/trabalhador convive. *5ª etapa – Conclusões:* Categorias que emergiram das etapas anteriores foram analisadas a partir do referencial teórico relativo à temática do estudo, chegando às respostas inqueridas. E por fim:

6ª etapa – as referências: conjunto de elementos das obras consultadas (como título, autor, editora, local de publicação e outras).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem aqui, se baseia em descrever o processo de alfabetização, observando os passos que o aluno supõe serem corretos e, registra, perpassando o simples ato de codificar e decodificar para obter o conhecimento de analisar, refletir e criticar, mudando assim o estado de coisas a sua volta, quer seja, na escola e/ou no trabalho. Sabendo que se escreve riscando traços retos e curvos, ou fazendo letras, o alfabetizando jovem ou adulto inicia suas tentativas de escrita da mesma forma que a criança pequena inicia suas tentativas de fala. Às vezes, começa de modo difuso, com uma garatuja. Usando o que sabe ou pensa saber sobre a escrita, o alfabetizando vai ampliando cadavez mais suas descobertas. Neste processo, ele se vale dos conhecimentos que tem da escrita e dos resultados obtidos com suas tentativas de escrever.

Se escreve uma palavra com poucas letras e depois percebe que ficou difícil ler o que escreveu, aumenta o número de letras. Neste sentido, pesquisa desenvolvida por Ferreira (1995) com adultos pouco ou não escolarizados, no México, indicou que esses sujeitos desenvolviam produções escritas semelhantes às das crianças, no que se refere à passagem pelas mesmas fases psicogenéticas: escrita pré-silábica, escrita silábica, escrita silábico alfabética e escrita alfabética. Diferenciando-se das crianças, eles apresentavam, no entanto, sempre uma clara distinção entre escrever e desenhar, sempre estes diferenciavam grafias de números de grafias de letras, e identificavam caracteres que não se podia ler (utilizando uma linguagem mais elaborada, os classificavam, por exemplo, como: “letras dos chineses ou japoneses”, “símbolos zodiacais”, etc.).

Se começa a perceber que errou ao usar determinada letra para representar determinado som, faz substituições até chegar ao que é convencional. Se começa a perceber que errou ao usar determinada letra para representar determinado som, faz substituições até chegar ao que é convencional. No esforço de pôr no papel o que quer dizer, o alfabetizando encontra problemas e busca saídas. Nesta situação, escreve e pensa sobre o que escreveu, e procura escrever de forma mais adequada. Enfim, o alfabetizando busca compreender como a escrita funciona. Faz isso se valendo, também, dos textos com os quais tem contato e das informações fornecidas pelo professor e pelos colegas. *É desta forma que o alfabetizando se alfabetiza.* Somando a isso uma situação conturbada.

O atual cenário mundial, marcado pela política neoliberal, trouxe desastrosas mudanças para o mundo do trabalho. No Brasil, desde os anos 1990, ganhou força



a economia globalizada. O desemprego aumentou e, na linha de produção, houve uma transformação com a informatização. Com isso, as empresas eliminaram postos de trabalhos e, conseqüentemente, ocorreu o aumento do trabalho informal e precarizado, sendo esta a tônica da conjuntura do mundo do trabalho. Como consequência desta situação o aluno/trabalhador que tem pouco conhecimento e não estar qualificado, acaba por sofrer exclusão, muito mais do que outros indivíduos.

CONCLUSÕES

As práticas pedagógicas realizadas na alfabetização, geralmente são diferentes dos processos didáticos e metodológicos comuns, em inúmeras concepções, e do modo como os sujeitos identificam a especificidades dos jovens e adultos, apesar de algumas mudanças ocorridas, ultimamente. Observa-se vários aspectos relevantes sobre a relação educação/trabalho, bem como, as dificuldades em desenvolver, na prática, a integralidade da referida proposta pedagógica. Após análise e reflexão, conclui-se que, são muitos os entraves e dificuldades que esses alunos trabalhadores enfrentam, pois, a alfabetização, é uma forma desafiadora de compreender e atuar no mundo, uma vez que, na atual divisão de classes do trabalho eles são marginalizados.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação de Jovens e Adultos. Trabalho e Educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.** Censo. Brasília, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: 5^a a 8^a série.** Brasília: Secretaria de Educação, 2002.

COSTA Cláudia Borges. **O trabalhador-aluno da EAJA: desafios no processo ensino-aprendizagem.** Dissertação de Mestrado. Acesso em 16/04/2017. Goiânia 2008.



FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Primavera, 1991.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Orgs). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 1995. In: MOURA, M da G. C. Educação de jovens e adultos no Piauí – 1971 a 2002. Disponível em; www.sbhe.org.br. Acesso em: 17/04/2017.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.